

POESIA PARA DOMAR O CAOS: UMA LEITURA DO “MANIFESTO DO GRUPO HERA”

Professor Ms. Idmar Boaventura
Universidade do Estado da Bahia

RESUMO

Em 2010, a UEFS Editora e a Fundação Pedro Calmon, na Bahia, publicaram a edição fac-similar, num único volume, dos vinte números – publicados entre 1972 e 2005 – da revista *Hera*. Principal publicação de um grupo de escritores que levava o mesmo nome, mais do que um importante veículo de divulgação da poesia do grupo, *Hera* foi o núcleo de um dos mais produtivos movimentos literários do Brasil no último quartel do século XX. Em seus quarenta anos e vinte números, a revista, publicou, “exatos, cem autores” (PEREYR, 2009, p. 150), a maioria dos quais até então inéditos. Chama a atenção, na poesia do grupo, uma forte tensão com a modernidade. Em consonância com o que Paz (1984) chamou de *tradição da ruptura*, a melhor poesia publicada em *Hera* afirma a modernidade ao mesmo tempo em que a nega. Tal tensão transparece na linguagem, na rejeição de um mundo moderno que reifica a tudo, e mesmo na rejeição de parte da poesia de seu tempo. O “Manifesto do Grupo Hera”, publicado tardiamente (em 1985, no 15º número da revista) revela muito da relação dos poetas do grupo com a modernidade, com a tradição literária e com poesia de seu tempo. A leitura desse manifesto e da poesia do grupo revela a luta desses poetas com as palavras, a fim de “domar o caos” – o deles, e, também, o nosso.

Palavras-chave: Poesia, Modernidade, Grupo Hera.

Em 2010, a UEFS Editora e a Fundação Pedro Calmon, na Bahia, publicaram a edição fac-similar, num único volume, dos vinte números – publicados entre 1972 e 2005 – da revista *Hera*. Principal publicação de um grupo de escritores que levava o mesmo nome, mais do que um importante veículo de divulgação da poesia do grupo, *Hera* foi o núcleo de um dos mais produtivos movimentos literários do Brasil no último quartel do século XX. Em seus quarenta anos e vinte números, a revista, publicou, “exatos, cem autores” (PEREYR, 2009, p. 150), a maioria dos quais até então inéditos. Chama a atenção, na poesia do grupo, uma forte tensão com a modernidade. Em consonância com o que Paz (1984) chamou de *tradição da ruptura*, a melhor poesia publicada em *Hera* afirma a modernidade ao mesmo tempo em que a nega. Tal tensão transparece na linguagem, na rejeição de um mundo moderno que reifica a tudo, e mesmo na rejeição de parte da poesia de seu tempo. O “Manifesto do Grupo Hera”, publicado tardiamente (em 1985, no 15º número da revista – doze anos após o quarto número, primeiro dedicado à poesia, como aconteceria com todos

desde então) revela muito da relação dos poetas do grupo com a modernidade, com a tradição literária e com poesia de seu tempo. A leitura desse manifesto e da poesia do grupo revela a luta desses poetas com as palavras, a fim de “domar o caos” – o deles, e, também, o nosso. Vamos ao texto do manifesto:

Não somos poetas do enredo – confiamos nas palavras.

As palavras: com sua carne e seu cerne, com suas roupas azuis e verdes e escarlates, com seus passos de dança no ar, sua mágica, máxima alvura, negror profundo.

Confiamos nas palavras que não dizem nada e nas que matam.

Porque somos eminentemente poetas, espécie de deuses, buscando domar o caos – o nosso e o vosso. As estrelas estão em paz onde estão.

Porque nossa matéria é o homem. O homem no Universo, bem mais que entre seus pares: o homem consigo mesmo, a revolver-se, descobrir-se, odiar-se – o homem a perdoar-se, e a apaziguar-se dos seus remorsos e iras.

Daí sermos terríveis, às vezes. Duros, duríssimos, na nossa sede de compreender o próximo. De fazer aflorar a verdadeira alma das pessoas, sujas de lama na maioria das vezes, mas a verdadeira.

[...]

E no entanto como somos líricos! Entre o que se convencionou chamar de Romantismo e o que ainda está por receber um nome: eis onde nos sentimos inseridos.

Precursores de um possível Século XXI, em que os verdadeiros poetas serão enfim saudados como dos decifradores dos mitos esquecidos. Os guias da Psique.

[...]

Não ao supérfluo.

Não ao mero artifício.

Não aos modismos.

Encomendamos nossa alma a Deus ou ao Diabo. Às multinacionais, nunca! Ah, os poetas do Rio e suas gloriinhas de isopor – Não ao padrão estético das metrópoles, não a essa arte que embevece “a todos”.

Abaixo esses conceitos que nos vendem a cada dia como se caracterizassem a literatura do nosso século.

[...]

Mas tudo, tudo ,tudo água passada. Estagnada. Estável. Sossegada. Inofensiva. Marioswaldiana.

A poesia do próximo milênio abolirá todos os ismos.

E as Histórias da Literatura nem saberão mais onde encaixá-la.

Publicado em 1985 – na aurora dos movimentos pós-modernos no Brasil – chama atenção no manifesto sua relação com a herança do modernismo, que no nosso país teve seu período mais produtivo a partir dos anos 1930, depois do período de ‘demolição’, levada a termo pelo primeiro modernismo nos anos 20. Conforme assinalam Bradbury e McFarlane, entre os traços distintivos de muitos dos movimentos de vanguarda do início do século XX,

estão a “preocupação com as pressões do ambiente industrial e as transformações aceleradas, a vontade de descobrir uma estrutura artífica dotada de significado dentro do caos crescente” e a adoção de um estilo e uma *performance* radicais, caracterizados por “um gesto de recusa, negando a importância formal da expressão perpetuada e monumentalizada” (1999, p. 155, 162) A linguagem do manifesto de Hera lembra em muitos trechos os manifestos futuristas de Marinetti; e a “confiança nas palavras”, tantas vezes reiterada no texto, aponta para a crença no poder da poesia de “reinstaurar o mundo” por meio da linguagem, crença essa que também foi uma tônica no movimento modernista no mundo inteiro, no início do século XX. Consoante a isso, está a figura do poeta como “antena da raça”, ou um demiurgo, espécie de ‘deus’ que rege a ligação do homem com o universo, imagem arquetípica herdada do Romantismo (os poetas seriam “legisladores não-reconhecidos do mundo”, disse Shelley) e reiterada pelo modernismo no início do século XX.

Mas os poetas de Hera são sim homens de seu tempo. Sabem que lho pertencem irrevogavelmente, e que não podem fugir dele. (AGAMBEN, 2009). E não era gratuita ou inocente sua afirmação do lugar do poeta, à maneira dos primeiros modernos, àquela altura. Sua crítica à poesia “marioswaldiana” é muito dirigida aos poetas do seu tempo, não aos poetas do primeiro modernismo. Chamar a poesia do fim do século de “marioswaldiana” é denunciar o que eles chamam de “mero artifício”, “modismo”, “água estagnada”. Ao criticar “os poetas do Rio e suas gloriinhas de isopor”, o que fazem esses poetas é colocarem-se à margem do que se convencionou chamar de poesia marginal, e se situar, ao mesmo tempo, dentro e fora de seu tempo (“entre o que se convencionou chamar de Romantismo e o que ainda está por receber um nome: eis onde nos sentimos inseridos”, afirmam no Manifesto). São, por conseguinte, antimodernos.

Antoine Compagnon define os antimodernos como os “modernos melindrados pelos Tempos modernos, pelo modernismo e pela modernidade, ou os modernos que o foram a contragosto, modernos atormentados ou modernos intempestivos” (2011, p. 10). Os antimodernos não seriam conservadores, tradicionalistas, mas aqueles “a quem o moderno não engana”. A reação “antimoderna” designaria “mais do que a rejeição pura e simples”, “uma dúvida, uma ambivalência, uma nostalgia” (2011, p. 13); “o antimoderno no moderno é a exigência de liberdade” (2011, p. 19). Embora as características dessa

antimodernidade sejam complexas, e apesar de sua pluralidade, pode-se reconhecer como uma constante sua “familiaridade do combate de retaguarda, ou da ‘retaguarda de vanguarda’ [...] os antimodernos são francoatiradores.” (2011, p. 458)

Para pensar a modernidade e a antimodernidade do grupo Hera é relevante lembrar que, na Bahia, e particularmente em Feira de Santana, a relação com a modernidade sempre foi ambígua, o que pode ser percebido na análise dos mais diferentes movimentos artísticos, desde a *Academia dos Rebeldes*. Embora os dois primeiros poetas modernos da Bahia sejam de Feira de Santana (falamos de Godofredo Filho e Eurico Alves), o que predomina na poesia feita e publicada na cidade, espantosamente até os anos 1970, é um Romantismo e um Parnasianismo tardios. Se tomarmos como medida essa produção, o movimento de Hera é altamente moderna; quando a comparamos com boa parte da produção carioca e paulista, à época, no entanto, verificamos em Hera uma reação à modernidade, ou uma antimodernidade.

Falamos aqui da produção carioca e paulista porque não é adequado pensar a produção do grupo *Hera* sem remeter à chamada “poesia marginal” dos anos 1970, que recebeu e tem recebido grande atenção da crítica – e é desconcertante verificar como essa crítica, em geral, desconhece a poesia feita no restante do país. Só para citar um exemplo bem conhecido, o professor e crítico Ítalo Moriconi, autor da discutível antologia *Os cem melhores poemas brasileiros do século XX*, no livro *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX* (2002), nos capítulos em que trata da poesia dos anos 1960-1980, resume a poesia feita no Brasil, na época, àquela feita pelos movimentos concretista, num primeiro momento, e à poesia pop e pós-modernista do eixo sul-sudeste. O mesmo se pode dizer do estudo da poesia marginal de Carlos Alberto Messeder Pereira (1981). Para boa parte dos pesquisadores, poesia marginal é poesia carioca.

Mas é justamente contra os modismos dessa poesia que os poetas de Hera, em seu manifesto, – assim como, certamente, fizeram muitos outros poetas em muitas outras partes do país – reagem. Não é que não reconhecessem a importância de boa parte dessa produção. O concretismo, por exemplo, representou novas possibilidades poéticas, e vários dos poetas de Hera publicaram poesia concreta – mas formam poucos os concretistas realmente qualitativamente produtivos; a repetição exaustiva do modelo transformou-o em

fôrma estéril. Sob o rótulo de “pop” muito do que se fez não tinha preocupação alguma com o mínimo de qualidade estética – aliás, a própria noção de qualidade estética foi abandonada em favor do *pop*. Valia muito mais a performance do poeta do que a poesia que se produzia. É contra esse cenário que gritam nossos poetas no Manifesto: “abaixo esses conceitos que nos vendem a cada dia como se caracterizasse a literatura de nosso século [...] Tudo água passada. Estagnada. Estável. Sossegada. Inofensiva. Marioswaldeana.” Emblemático também o poema “Divisor de águas”, de Antonio Brasileiro, publicado em 1979, no número 11 da revista:

Prezados senhores, somos todos
da mesma cepa se vistos de binóculo.
Mas não somos os mesmos.

Eu, com meus poemas indevassáveis
vós, com vossas gravatas coloridas/
eu, com esta consciência de mim
vós, com vossa mesa farta/
eu, buscando o sempre inatingível
vós, com vossas gravatas coloridas/
eu, meditando muito sobre vós
vós, com vossa mesa farta.

Não somos da mesma cepa, mas vistos
de binóculo somos os mesmos.
Eis uma grande injustiça.

Nesse poema, o que marca a distância do poeta dos “prezados senhores” de “gravatas coloridas” e “mesas fartas” são seus “poemas indevassáveis” e sua constante busca do “inatingível”. Talvez esteja aí a principal marca de antimodernidade de Hera. Recusando fórmulas fáceis e modismos, seus poetas acreditam na poesia – mas naquela que, ancorando-se na tradição, busca responder aos anseios do homem moderno, renovando assim a própria tradição. Retomemos o *Manifesto*, em que dizem:

Não somos poetas do enredo – confiamos nas palavras. [...] Porque somos eminentemente poetas, espécie de deuses, buscando domar o caos – o nosso e o vosso. [...] Porque nossa matéria é o homem. O homem no universo, bem mais que entre seus pares: o homem consigo mesmo, a revolver-se, descobrir-se, odiar-se – o homem a perdoar-se, e a apaziguar-se de seus remorsos e iras.

É esse o pathos da poesia da principal liderança do grupo, Antonio Brasileiro. Um dos

mais importantes poetas do Brasil, Brasileiro, membro da Academia de Letras da Bahia, já publicou cerca de 20 livros. Acerca de sua poesia, afirma Rubens Pereira:

Antonio Brasileiro é poeta que desconcerta e seduz o leitor, quando não o assusta e afasta. Dono de uma personalidade poética incomum, resultante de um olhar mordaz sobre a vida contemporânea, uma (auto)ironia aguda e um lirismo intenso, aliados a um excepcional domínio dos fundamentos da linguagem poética, como a melodia das palavras, o ritmo das frases e a originalidade das imagens, Brasileiro aposta sempre alto no ofício da palavra, que é homólogo ao exercício da vida.

Um belo exemplo dessa poesia da qual “o homem é a matéria”, e na qual homens e poesia se plasmam, é o poema intitulado Estudo 165:

Compor um homem
Com suas tramas, seus dramas,
teogonias, gramáticas, soluços;
compor um homem,
do orvalho matinal compor um homem,
do céu cheio de estrelas, do mistério
do homem
compor o homem; compor um homem
da criança que há no homem, do homem
a adivinhar-se em antiquíssimas retinas;
compor um homem
com seus soluços, gramáticas, teogonias
– e recitá-lo perante os outros homens.

Antimoderna é, também, a poesia de Juraci Dórea. Mais conhecido como artista plástico – sua obra, muitas vezes premiada, já esteve presente em dezenas de exposições individuais e coletivas, no Brasil e em outros países – Dórea tem uma poesia que, ao mesmo tempo em que incorpora a tradição moderna em sua tessitura, apresenta uma reação ao mundo moderno e, muitas vezes, uma escolha por um primitivismo, que se concretiza na referência a elementos da natureza ou à cultura sertaneja, característica também na sua obra pictórica. Dois movimentos antagônicos – analogia e ironia – que marcam a poesia moderna, caracterizam a sua obra. Lemos no poema “A folha”, publicado no número 10 de Hera (1978):

A FOLHA

da amendoeira
caiu no meio do asfalto.
era mesmo uma folha

na sua solidão
no exemplo de seu signo verde.
a folha em trânsito e fruto
e ainda assim não pude ficar.
então inclinei-me sobre a sua boca
e procurei
desesperado como quem procura
dissolver-se na clorofila do último beijo.
a folha começou a rir

dos automóveis que passavam.

Enquanto nesse poema a oposição se dá entre o a folha – elemento da natureza – e “os automóveis que passavam” – e sugere-se, sutilmente, a solidão do eu-lírico no mundo moderno –, no poema “Paisagem” (publicado no último número de Hera), eu-lírico e natureza se integram a partir de um encontro erótico:

PAISAGEM
Estes matos
(tanto silêncio)
e o caminhozinho
que me leva
à tua porta
e ao teu sexo.

Estes matos
(tantas lembranças)
e o gado a pastar
indiferente.

Iderval Miranda é um dos principais integrantes do grupo, desde sua fundação. Publicou vários livros, entre eles Taça de tule (1974) e O azul e o nada (1987). Poeta minimalista, oswaldeano, tem uma poesia marcada por uma forte ironia em relação ao mundo moderno, onde o poder esmaga, a ideologia aliena e onde, na cosmovisão do poeta, o homem é lançado em irremediável solidão. Lemos no poema A dor (Hera 7, 1975):

A DOR

a dor pode ser aguda
como uma agulha sob a unha
ou grave
como um rosto anônimo em wall street.

E no poema NSX 330:

a prancha longboard
está acima das ondas da vida.
camisa branca e flores na
bermuda. tudo para esquecer
as tentações do mundo.
bom e ótimo, por minutos.
o inferno vem depois. tédio,
tédio, tédio. maturidade.
a panaquice adolescente.
nsx 330 digital mini hi-fi system
o desejo adulto.
nada diferente, nem estranho.
apenas um leve cansaço de tudo.

É nesse cenário de solidão e abandono que floresce a poesia, ainda que forças opressoras dela mesma queiram servir-se. Como se lê no poema Gênesis (Hera 8, 1977):

GÊNESIS

Conta-se que no início do mundo
os ditadores e os poetas
fizeram uma grande plantação

e ainda hoje
os ditadores colhem a verdade dos poetas
e os poetas as mentiras dos ditadores.

Concluamos nosso breve seleção de poetas de Hera com Roberval Pereyr, um dos mais importantes poetas do grupo, com dezenas de obras publicadas e reconhecido como um dos mais importantes poetas brasileiros, em cuja poesia, afirma José Paulo Paes, “avulta uma subjetividade que, em vez de fechar-se sobre si, interroga os limites da condição humana para saber do seu lugar dentro deles, num constante ir e vir entre o pessoal e o geral”. Consciente da fragmentação que o mundo moderno impõe ao homem, a poesia de Roberval Pereyr é um constante exercício de busca de si e de sua alteridade. Podemos dizer que Pereyr é mesmo um contemporâneo, no sentido que Giorgio Agamben dá à palavra: é contemporâneo não o que adere perfeitamente ao seu tempo, mas aquele que, a partir de uma fratura, o interroga e apreende, aquele que, percebendo a obscuridade de seu tempo, é capaz de “escrever mergulhando a pena nas trevas do presente”(62). Na poesia de Pereyr, esse mergulho confunde-se com a indagação da natureza do eu que mergulha. Como nos poemas “Rigor 3”, e “Fado”:

RIGOR 3

Sou infeliz e quero conhecer-me:
quero saber quem sou por estes dias
tão cheios de terror, quero saber-me.

Quero morrer de novo e renascer-me
e quero estar transido de agonias
e conhecer-me, quero conhecer-me.

este é o meu grito e, nele, quero ver-me
e comover-me em cantos, calmarias:
hei de saber-me, ah, hei de saber-me.

FADO

Toda vida é mesmo uma tragédia:
ou estou morrendo alheio a mim,
ou estou no rio e este me leva.

Em momento algum me compreendo:
se estou alheio não me enxergo,
se estou em mim não me transcendo.

Que seria mesmo transcender-me?
Uma outra forma de alhear-me
nas montanhas íngremes do medo?

Toda vida, enfim, é uma tragédia:
ou estou morrendo alheio a mim,
ou estou no rio e este me leva.

Estes quatro breves exemplo são suficientes pra mostrar a importância de Hera para a poesia brasileira. Modernos, porque antimodernos, esses poetas, do mais importante movimento baiano de poesia marginal, souberam “domar o caos”: o deles e, ainda hoje, o nosso.

REFERÊNCIAS

AGABEN, Giorgio. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Trad. Vinícios Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BRADBURY, Malcolm, e McFARLANE, James. **Modernismo. Guia geral.** São Paulo: Cia das Letras, 1999.

BRASILEIRO, Antonio, et al (org). **Hera 1972-2005.** Edição fac-similar. Salvador: Fundação Pedro Calmon; Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.

COMPAGNON, Antoine. **Os antimodernos.** Trad. Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MORICONI, Italo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PAES, José Paulo. Boletim de saúde. In: PAES, José Paulo: **O lugar do outro.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2009.

PAZ, Octavio **Os filhos do barro.** Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Retrato de época: poesia marginal anos 70.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.

PEREIRA, Rubens Alves. “HERA: un espace pour la poésie brésilienne contemporaine”. In: OLIVIERI-GODET, Rita e HOSSNE, Andrea. (Org.). **La littérature brésilienne contemporaine.** Rennes, France: Presses Universitaires de Rennes, 2007.